

MERCADO ABERTO

MARIA CRISTINA FRIAS cristina.frias1@grupofolha.com.br

Cemig intensifica pressão para manter usinas que governo pretende licitar

À medida que se aproxima o dia 22 de setembro, data prevista para o leilão das usinas de São Simão, Jaguara e Miranda, a Cemig procura saídas que a permita manter, ainda que parcialmente, a concessão desses três ativos.

A estratégia mais recente é tentar uma negociação extrajudicial com os ministérios da Fazenda e de Minas e Energia.

“A Cemig protocolou na AGU (Advocacia-Geral da União) um pedido de câmara de conciliação, que a pos-

sibilita chamar órgãos da União”, diz Luciano Ferraz, diretor jurídico da empresa.

Para a companhia, ela tem direito de manter as concessões porque a União não se manifestou ao fim dos prazos iniciais delas. Ela propõe que o governo se torne sócio destas três usinas e de uma quarta, a de Volta Grande.

A previsão da União é retomar essas usinas, leiloá-las em setembro, e arrecadar cerca de R\$ 11 bilhões.

A empresa pediu ao Supre-

mo uma cautelar para suspender a licitação.

“O mérito não foi julgado, e pode ser que a Cemig seja vencedora. A União não poderia vender as usinas, e a Cemig as exploraria por 20 anos sem pagar nada”, diz Ferraz.

A AGU confirma que houve o pedido. Fontes do governo, no entanto, dizem que dificilmente haverá acordo.

Servidores da Fazenda e do Ministério de Minas e Energia afirmam que não há disposição nenhuma em negociar.

OS ROYALTIES SÃO NOSSOS

A arrecadação com royalties e participação especial pela exploração do petróleo chegou a R\$ 15,6 bilhões e é 88% maior que no ano passado inteiro, aponta o IBP (Instituto Brasileiro de Petróleo).

“No primeiro semestre do ano passado, o preço do barril estava em torno de US\$ 40; neste ano, foi quase US\$ 52”, afirma Antônio Guimarães, secretário-executivo de exploração e produção do órgão.

O que fez diferença, no entanto, foi a participação especial, uma compensação financeira para grandes campos, com alíquotas progressivas.

“Ela cresceu 150% em relação ao mesmo período de 2016, pois novos campos começaram a produzir.”

O governo anunciou, em maio, que haverá mudanças no cálculo dos preços de referência do petróleo que servem para cobrar royalties. O IBP pretende dar sugestões sobre como deverá ser a equação.

“Usam-se certos produtos (petróleo de diferentes locais) para calcular o preço no Brasil. Mas aqui tem um contaminante, nitrogênio, que faz com que valha menos.”

Sol A Solis, fabricante de sistemas para aquecimento solar, recebeu um aporte de R\$ 6 milhões do fundo de inovação em meio ambiente criado pelo BNDES e gerido pela Inseed.

Expansão A rede de ópticas da multinacional alemã Zeiss deverá abrir mais cinco lojas na cidade de São Paulo até 2018. A próxima será inaugurada em agosto. Atualmente, são 9 operações no Brasil.

ESPAÇO DE SOBRA

A ocupação dos hotéis em áreas urbanas está no seu nível mais baixo desde 2004, aponta uma pesquisa da TCP Latam, consultoria que pesquisa esse mercado. A taxa está em 55%, semelhante à de 13 anos atrás.

Em consequência, de 2016 para cá, houve queda nos valores de quartos em quase todas as regiões do Brasil. A maior foi no Sudeste, onde eles estão 7% mais baixos.

“Em São Paulo, o primeiro semestre foi melhor que o de 2016. Foi o Rio de Janeiro que caiu muito”, diz Ricardo Jacomassi, diretor da consultoria.

A deterioração da indústria de óleo e gás explica essa queda, diz Roberto Bertino, presidente da Nobile Hotéis.

“É um mercado com uma super oferta com menos demanda corporativa e evasão do turista internacional, que sente medo de ir ao Rio.”

Novos hotéis na Barra da Tijuca fizeram o preço médio na cidade cair, mas ainda têm a tarifa mais alta do país, diz.

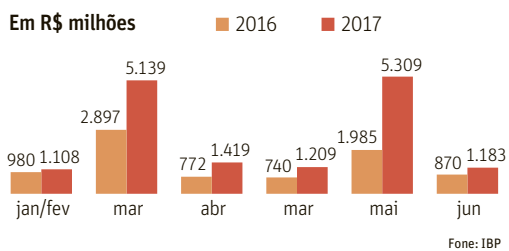


Roberto Bertino, presidente da rede de hotéis

Karime Xabier - 1.abr.2016/Folhapress

COMPENSAÇÃO PELA PRODUÇÃO

Arrecadação com royalties e participações especiais



Contratações no setor calçadista perdem força no fim do 1º semestre

O setor calçadista encerrou o primeiro semestre deste ano com 299,4 mil postos de trabalho, 0,7% a mais do que no mesmo período de 2016.

As contratações, porém, perderam força nos últimos meses: até março, essa porcentagem era de 2,7%.

“O câmbio antes estava bastante favorável e isso resultou em um bom volume de exportações no começo do ano”, diz Heitor Klein,

presidente da Abicalçados (que representa a indústria).

“Agora, o real se valorizou, e perdemos posições para concorrentes estrangeiros.”

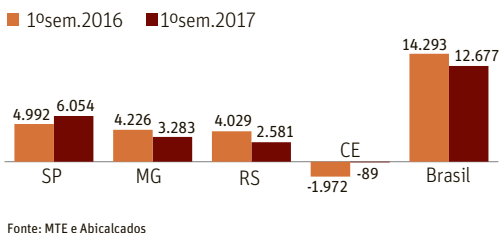
A situação deverá se manter estável até o fim do ano, com uma variação positiva ou negativa de até 1% no número de vagas, afirma Klein.

Algumas fabricantes, como a Usaflex, estão mais otimistas, diz Marcelo Cavalheiro, diretor da empresa.

“Fizemos cerca de 300 contratações no primeiro semestre para um turno adicional em uma das fábricas e expansões. Até o fim do ano, deverão ser pelo menos 50 pessoas para a planta que alugamos em Parobé (RS).”

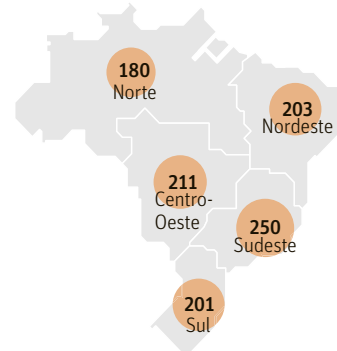
FÁBRICAS DE SAPATOS

Diferença entre admissões e desligamentos no setor



QUARTOS NO PAÍS

Preço de acordo com a região, em R\$



55% foi a taxa de ocupação nos hotéis urbanos em 2016



70% foi a taxa em 2011, o pico da série histórica

HORA DO CAFÉ

Tiago Recchia

Alta dos combustíveis na Justiça



» com FELIPE GUTIERREZ, TAÍS HIRATA e IGOR UTSUMI

FOCO

Jim Wilson - 12.out.2010/"The New York Times"



Chocolate em fábrica nos EUA; mercado global vive queda

Queda nos preços do cacau e inovação devem impulsionar indústria do chocolate

DO "FINANCIAL TIMES"

As vendas mundiais de chocolate estão perto de uma retomada, com o estímulo que a inovação do setor e a queda nos preços do cacau estão propiciando ao setor, prevê o presidente-executivo da maior fornecedora mundial de chocolate e derivados.

Antoine de Saint-Affrique, presidente da suíça Barry Callebaut, disse que as vendas se aceleraram nos últimos meses e vão voltar ao “ritmo normal” de crescimento.

“Do ponto de vista da dinâmica do mercado, estou absolutamente convencido

de que o pior já passou.”

Os fabricantes mundiais de doces e chocolates, muitos dos quais são clientes da Barry Callebaut, foram prejudicados nos últimos anos pela tendência da alimentação saudável e pela alta do cacau.

O mercado global de chocolate para uso industrial sofreu queda de volume de 1,5% em 2015 e 0,4% em 2016, diz a consultoria Euromonitor.

Agora, os preços do cacau caíram 40% em 12 meses após boas safras nos principais produtores.

“Estamos repassando as altas e as quedas de preços aos nossos clientes”, disse

Saint-Affrique, embora deva levar tempo para que o consumidor sinta a mudança no bolso. “Por isso digo que me sinto bastante otimista.”

Ele espera que os fabricantes de chocolates ofereçam mais descontos e promoções para “incendiar” o mercado. “Devemos retomar o ritmo de crescimento que era normal, de entre 1% e 2% ao ano.”

As quedas de preços seriam apenas um dos fatores que promovem a recuperação. A inovação seria outro: por exemplo barras de cereais recobertas de chocolate. Neste mês, a Nestlé anunciou a inauguração de uma no-

va fábrica no Japão para expandir a produção das barras de chocolate KitKat em sabores como pistache e amoras.

A Barry Callebaut expandiu a produção de chocolate “resistente ao calor”, visando países mais quentes.

Os fabricantes de chocolates também podem se expandir a novos mercados, disse Saint-Affrique. “Ainda há muitos lugares onde as pessoas estão no estágio de descoberta do chocolate.”

Jean-Philippe Bertschy, analista da Vontobel, disse que a projeção de crescimento feita por Saint-Affrique era “um tanto agressiva”. “É claro que existe potencial de crescimento significativo nos mercados emergentes, mas a China vem sendo um mercado muito desafiador até agora.”

Tradução de PAULO MIGLIACCI